

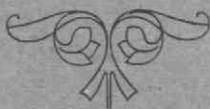
8
LUIZ COUCEIRO



A NUVEM

Peça dramatica, em verso,
com prologo, dois actos e epilogo

bibRIA



AVEIRO

Typ. "Minerva Central,,

1910

PERSONAGENS

Henrique

Fernando

Arminha

Margarida

Maria, criada

Uma criança de 6 mezes

bibRIA

LUIZ COUCEIRO



A NUVEM

Peça dramatica, em verso,
com prologo, dois actos e epilogo

bibRIA



AVEIRO

Typ. "Minerua Central,,"

1910

bibRIA

PROLOGO

Casa de Margarida, em completo desalinho. Uma meza ao centro, á qual Henrique se encontra sentado, lendo alto a carta que acaba de escrever.

SCENA PRIMEIRA

HENRIQUE, depois MARGARIDA e MARIA

Henrique (só)

«Corre um anno de vida desgarrada
Que sempre tem levado o teu amante,
É outra vida, decerto, attribulada,
Suavisar, se procura, n'este instante.
Vou partir, Margarida, e sê feliz;
Porque enfim, cêdo apenas a um esforço
De sentimento são; e ás almas vis
Cabe-lhe sempre o premio do remorso !
Adeus ! E vae fazendo o que poderes
Para esquecer este homem transviado
Do trilho, da conducta, e dos deveres !
Adeus ! A nada mais sou obrigado !»
(*Fechando a carta, pousando-a na meza, e em momento resolutivo*)

Sim ! sim ! jámais podêra ser possível
Combater contra a minha reflexão !
E depois, que diabo ! não é crível
Mudar-se o santuario da união
Pelo louco viver do mundanismo ;
Não, não é crível ter a vida assim,

E salvar-me, procuro, d'este abysmo,
Quando, demais, alguém soffre por mim !

(Pausa e reflectindo depois)

De facto, Margarida tem encantos,
Tem sim, mas quaes ? Aquelles tão sómente
Que a tornam fascinada só de quantos
A pretendam gosar satyramente !
Goso estúpido, goso só brutal,
Que nos converte em fêras, ou ainda
N'um ente desprezível e anormal !

(Pausa, exclamando depois com sentimento)

E abandonar-te, eu, minha bôa Arminda,
Levado na corrente d'esse imperio !

(Tirando um retrato do bolso e admirando-o)

Oh ! rosto tão suave de mulher !
Perfil tão nobre, tão grande, tão sério,
Como não será muito o teu soffrer !
Semblante de bondade, a contrastar
Com falsos attractivos de mundanas !
Aqui, traços de paz bem salutar,

(Em meditação)

N'aquellas... linhas torpes e profanas !
Rosto meigo que outr'ora me prendeu,
A elle regresso, a elle vão meus passos,
E crê que vou guiado pelo ceu,
Buscando, d'amizade, os santos laços.

(Beijando o retrato e levantando-se de subito)

Ah ! E' verdade ! Tenho d'ella um filho !
Nem me lembrava d'esse poderio !...
Foi a fatalidade do meu trilho,
E complemento do meu desvario...
Contudo, não importa, porque em suma,

(Conformando-se)

E' producto de falsas relações
Que se dissolvem, qual tenue espuma...
Existe uma creança; mas razões
Me forçam a esquece-la já também,

(Tirando do bolso uma carteira)

Concedendo dinheiro em abundancia
Para que Margarida, como mãe,
Provenha ao alimento d'essa infancia.

(Pousando a carteira na meza e espreitando em silencio a uma porta lateral)

Coitadita da pobre creancinha !...
 A dormir !... Tem ños labios um sorriso...
(Atirando-lhe um beijo)
 Recebe um beijo, o ultimo, filhinha !...
(Retirando-se a custo)

Custa-me... mas então ? Se me é preciso !
 E depois, meu bom Deus, crê, eu vos juro,
 Que farei tudo quanto fôr humano
 Para vellar por ella no futuro !
(Pausa, depois da qual, com coragem)

Vamos !
(Parando e com desalento)
 E' bem profundo o desengano !
(Pegando no chapéu)

De resto, casa, orgia... tudo ahi fica ..
 E volto, enfim, ao lar santo e bemdicto,
 Onde, só de virtude, a vida é rica,
 E onde chego humilhado e bem constricto !
(Sae rapidamente).

SCENA SEGUNDA

Margarida (só)

(Entrando por uma porta lateral e esfregando os olhos)

Safa ! Que dormir tão pesado o meu !
 Nem que fosse uma noite d'hymeneu,
 A prolongar um somno de fadiga !
 E então, que curiosa lucta e briga
 Com os sonhos, os mais extravagantes...
 A vêr-me rodeada só d'amantes,
 Que disputavam a honra e primazia
 Da posse luxuriante d'uma Lia !
 Safa ! Que pezadello interminavel...

(Pausa, depois da qual, repara na carta)
 Olá ! Temos missiva ? D'um amavel
 D. Juan, talvez ?
(Vendo a letra)

Mas não, porque esta letra
 Pertence ao cavalheiro que penetra
 No aposento. E' do meu nobre senhor !
 Não ha duvida ! Ou antes, e melhor:

E' d'um obediente e humilde escravo!

(Lendo a carta e cynicamente admirada)

An?! O quê?! Que diz elle?! Bravo! Bravo!

Muito bem! Apoiado! E' admiravel!

(Largando gargalhada sarcastica)

Eis uma acção esplendida, louvavel!

(Sentando-se)

Coitado! Que desgraça! Pobresito,

Que diz voltar em tudo bem constricto

Aos braços da mulher! *(rindo)* sim, sim, coitado

Do triste e pobre errante, transviado

Do bem!... Mas que pateta! Mas que tolo!

Vae-te menino, vae-te, que o consôlo

Não me falta, acredita; pôdes crêr!

E lança-te nos braços da mulher,

Pois que duvida? Ora essa? Porque não?

(Com sarcasmo)

Mas que parvo, irrisorio e toleirão,

Não veem!? Que ridiculo ignorante,

Que nem ao menos sabe ser amante!

E deixa carta, sem ter a coragem

De dizer que se acolhe na frondagem

Da virtude!

(Reconsiderando)

Virtude? Mas que é isso?!

Um nome que se torna oco e omisso

Entre nós. A virtude é ter dinheiro

Que bem nos sustente o orgico viveiro,

Porque amantes, se atiram para o lixo,

Vindo outros que sustentem o capricho!

(Indo para sentar-se e reparando na carteira)

Ah! espera! deixou uma carteira!

E tem notas! Lembrança bem certa,

Porque... enfim... é só isto o essencial

P'ra presidir á nossa bachanal...

(Depois de fechar a carteira e como que tomando uma rápida resolução, senta-se a escrever uma carta, tocando a campainha).

SCENA TERCEIRA

MARGARIDA E UMA CREADA

Maria

(Entrando de fundo)

Que deseja?

Margarida

Recado algo importante
Que desempenharás já, n'este instante.

(Levantando-se)

Levarás esta carta ao outro andar,
Mas não te deves nada demorar
Porque inda outro negocio bem urgente
Teremos que cumprir, presentemente.
(Entregando a carta á creada, que sáe)
Vae...

SCENA QUARTA

Margarida *(só)*

Ora pois... sou livre por minutos
Dos élos deshonestos e corruptos!
Mas não tão livre, não tão livre ainda,
Que Henrique não levasse á D. Arminda
O fructo do transvio de seu marido.
Coitado! Mas que triste arrependido!

(Rindo)

E talvez concebesse que o seu filho,
De futuro, me sirva d'impecilho.
Ná, ná! Quem se desliga a compromissos,
Não o faz com intuitos só postiços.
Pois que!? Foge da vida deshonestá,
E deixa aqui o pômo de tal festa?!
Ná! que o leve; que o leve para o lar,
Onde a contricção vae representar.
E depois, almas vis, más e preversas,
Pôdem ás vezes ser nobres e adversas
Ao crime.

*(Entrando rapidamente na alcova e voltando á scena
com uma creança de seis mezes)*

Vaes gosar criação casta,
Que te infiltra dignissima *Madrasta*;
Vaes sahir d'este reles ambiente,
Onde se perde muita e muita gente!
*(N'um momento de subita reflexão e levando a mão
à testa)*

An?! Que digo? Que disse eu inda agora?!
Não seria um lampejo, ou uma aurora
De verdade, que acaso illuminou

A minha alma, e p'la mente me passou...
(*Com resolução*)

Sim, minha filha, quero que vás. Vae;
Vae acolher-te á sombra de teu pae;
Vae abrigar-te n'essas consciencias
Que salvam e redimem existencias!

SCENA QUINTA

MARGARIDA E MARIA

Maria (entrando)

Satisfeito foi já o seu recado...

Margarida

Pois outro tem de ser executado
E diligentemente. Espera um pouco,
Emquanto escrevo á *Dona* d'esse louco
Que hoje me abandonou. E na pequena
Segura já.

(*Entregando-lh'a e sentando-se a escrever*)

Alguns traços de pena,
E prompto. Nada mais ha a fazer
Na consciencia de tão reles mulher!

(*Dictando o que escreve*)

«Senhora!

Deposito essa creança,
Filha de seu marido, e esperança
Tenho que irá ser muito mais feliz,
Do que no antro que apenas só se diz
Do vicio, da vergonha!»

(*Entregando a carta á creada*)

Ora aqui tens...

(*A' parte*)

E inda dizem que são más estas mães!

(*A' creada*)

Desejo que sem perda de momento
As minhas ordens tragas cumprimento.
Procuras indagar qual a morada
Do fugitivo Henrique, e lá, na escada,
A pequenita deves collocar,
Bem como a carta junta ahi deixar.
Depois, tens que affastar-te de repente,
Percebes?

Marla

Muito bem, e fico sciente.

(Estupefacta)

Por m, senhora! nem sequer um beijo
Na creancinha ?!

Margarida *(imperiosa)*

Basta-me o desejo

Da sua vida. Vae! Assim t'ho ordeno,
Muito embora com alma de veneno!

Marla

(Indo a sahir e parando ao fundo)

Mas... mas de que é feito esse coração ?!

Margarida *(indicando-se)*

E' coisa que não ha na habitação!
Vae...

Marla *(repentina)*

Irei. *(são).*

SCENA SEXTA

MARGARIDA E FERNANDO

Fernando *(entrando)*

Margarida! A que dever

A honra e o distinctissimo prazer
Da sua carta ?

Margarida

(Approximando-se de Fernando)

Irás sabel-o já,

Meu caro e bom Fernando! Venha cá ?

(Levando-o junto á porta que deita para o quarto)
Julgo que conquistou ardente feito!

(Apontando para o quarto)
Ora diga? O que vê d'aqui?

Fernando (*olhando*)

Um leito !

Margarida

Em que ha pouco vagou certo logar...

Fernando (*interrogando*)

... E então ?!

Margarida

Querendo... Venha-o occupar.

Cae o panno

bibRIA

FIM DO PROLOGO



ACTO I

Casa de Arminda ricamente mobilada. Portas lateraes e ao fundo. A' direita alta um biombo cuja frente dá para os espectadores e encobre de fundo o que dentro se passa. Uma creança repousa n'um pequeno berço. Ao centro da salla uma meza sobre que pousa um cesto de costura e onde se encontram algumas peças de enxoval para creança. Arminda, junto á meza, vae contando uma a uma e com sentimento aquellas pequeninas peças de roupa.

SCENA PRIMEIRA

Arminda (só)

... E vinte ! ...

Ó indispensavel enxoval

P'ra essa creança, que é filha do mal !

Apenas o preciso p'ra o conchego

Do ente, que, desvario tolo e cego,

Arrumou para o mundo, e que o destino

Trouxe ao lar do infortunio! Meu Divino

Deus ! A vossa vontade seja feita !

E a mulher, que a desdita sempre espreita,

Curva-se ante o poder d'essa grandeza,

Que a ella me ligou e me traz preza !

(Com dôr)

Um pequeno enxoval, mas sufficiente

Para poder cuidar d'esse innocente

Que a vil libertinagem engeitou !

Que a infamia, por onde só errou

A vida impura, incasta e illegitima,
Trouxe aos portaes da sua triste victima!

(Affastando-se da meza)

E que havia a fazer?... Repudiar
O fructo da loucura?... Regeitar
A offerenda, que, quem sabe? foi Deus
A salva-la do mar, dos escarceus
Da ignominia?! Quem sabe? foi alguém
A doa-la aos carinhos d'outra mãe!
Que havia de fazer? Tornar-me ré
Da deshonra, e com simples pontapé
Exclamar:—Vae, vae para a sociedade
Em que se mancha e perde a honestidade!
Vae tambem corromper-te em sacrificio
D'essa libertinagem, e do vicio!
Não! Não! Ninguém me dá esse direito,
Que apenas crearia mais um leito
Na impudica mansarda da baixeza!
Não! ninguém me auctorisca essa fraqueza,
Ninguém, mesmo ninguém, tal me concede,
Nem jámais a minha alma diz e pede
Que lance p'ra miseria e para o crime
Uma outra alma que d'elle se redime!...

(Entrando no biombo, e junto ao berço, com resolução)

Fica, pobre creança! Assim o quero!
Fica, porque eu respeito e mui venero
O que o destino dá.

(Com pausa e sentimento)

Elle predisse,

Em leis, que essa cruel libertinice
D'um marido não tinha o grave jús
De arrumar-te, impiedosa, para o púz
Virulento d'infame corrupção!

(Curvando-se sobre o berço)

Fica sim! Tens aqui um coração
Repleto de carinho e sentimento!
Fica no lar, que, como deserta ilha,
Escolhos cerca! Fica, és minha filha!...
E tudo, pelo meu Deus, eu perdôo.
Fica creança, fica... Eu te abençôo!

(Sentando-se junto do berço)

E aqui 'stou sendo mãe, mãe adoptiva,
Do germen d'essa orgia productiva!

(Pausa)

Não quiz Deus dar-me um filho que pedia,
 E que n'este deserto tantourgia,
 Para que n'um momento, n'um instante,
 Tenha d'acalantar o que é da amante!
 Não quiz Deus conceder-me tal mercê!...

(Pausa)

Marido... foge ao lar por onde a fé
 Do amor pode ser a única sincera...
 E lá vae, lá vae elle como a fêra
 Viciada, em procura do covil,
 Onde recebe o goso d'essas mil
 Desgraçadas sem alma, sem consciencia !
 Lá vae elle, deixando esta innocencia
 Do altar que a pura Igreja solidou,
 Em troca do que nunca, nunca amou;
 Porque amar, nunca e nunca sabe, quem
 Se ausenta de tão santo amor de mãe!
 Lá vae, lá anda n'essa podridão
 Que rouba o sentimento e a razão!
 Que destroe, injuria e enxovalha,
 Que infecta, que corrompe, prende e emalha
 A noção do respeito p'lo dever!
 Lá anda n'esse impudico prazer,
 Cujas garras tão vis, cynicamente
 Arrebatam do puro e casto ambiente
 Todo esse bem, que n'elle se creara;
 Cujas garras, de força bruta, avára,
 Arrebatam do lar santificado
 O descanso e o bem que lhes é dado!
 Lá anda, lá vegeta no monturo
 Mais ignobil, mais baixo, mais impuro,
 Que a desgraça creou, sustenta e nutre;
 Filando com intuitos só de abutre,
 E attributos de farça e d'ironia,
 As prezas de tão grande vilania !
 Vilania,—que em seu lubrico espasmo,
 Chasqueia da virtude, com sarcasmo,
 Ri da fé, desvirtua a honestidade,
 Deprava o sentimento e a dignidade,
 Insulta, zomba e rasga sem respeito
 O véu do precioso preconceito !
 Suja, quebra, dissolve e inutilisa,
 Macúla, estraga e já esterilisa
 A pureza e o brilho do que é são!
 Abala, derrue, prosta em confusão,

Det'rriora, desfaz, calca e elimina
A graça do bom lar, graça Divina !...

(Pausa, deixando tombar a cabeça sobre as mãos e exclamando dolorosamente)

E foi... foi assim que essa vilania
Me roubou o socego e a alegria!
Foi assim, assim, que ella aqui entrou,
E que de mim se riu e só zombou !
(Encosta-se sentidamente ao berço)

SCENA SEGUNDA

ARMINDA E HENRIQUE

Henrique

(Abrindo cautelosamente a porta de fundo, entrando a medo e penetrando a pouco e pouco no aposento, falla a meia voz)

Ninguém !... Sómente a paz religiosa
Da verdade !... Só graça harmoniosa
Da virtude !... Sómente o ar suavissimo
Do bem !... O perfumado e o dulcissimo
Aroma a castidade... que trahi !...

(Respirando desafogadamente)

Ah! Como se respira bem aqui !...
Deixai-me que, aspirando a longos tragos
O balsamo do amor e dos affagos,
Eu bem me purifique no sacrario
Que envolve o precioso relicario
Do natural, do justo, do acceitavel !

(Suspirando de novo)

Ah! Sim! mas que atmospheria respiravel
A realidade !

(Começa o dialogo natural entre os dois, que se não vêem e se não ouvem um ao outro)

Arminda

(Parecendo despertar d'um sonho)

E tudo, só tudo isto,
Se me afigura um sonho !...

Henrique

(Olhando para o ambiente)

Além, um Christo,
Em expressão suavíssima, a expargir
Bondade, a abençoar, a redimir!

Arminda

(Olhando para a creança)

Coitada! Que destino o teu seria!?

Henrique

(Continuando a reparar em tudo)

Ali, a Virgem Mãe! Virgem Maria,
Recebendo o amor em seus ternos braços.

Arminda

(Descobrimdo o rosto da creança)

E em verdade, verdade, muitos traços
D'esse teu pae, na fronte, tens escriptos...

(Com ternura)

Aos d'elle, se assemelham teus olhitos!

Henrique

(Voltando-se para a meza)

Aqui, vejo uma cesta com roupinha...

Arminda

(Continuando a examinar a creança)

E tambem se parece esta boquinha
Bem rosada...

Henrique

(Analysando a roupa)

Enxoval d'uma creança,
Posto em disposição cuidada e mansa.

Arminda

O narisito não. Destôa um pouco
Do perfil d'esse mau e d'esse louco...

Henrique

(Pegando em algumas peças de roupa)
Chambrinhos e babeiros; camisinhas...

Arminda

(Descobrimdo a creança)
São perfeitos os braços e as perninhas...

Henrique

(Continuando a analysar a roupita)
E outra tanta roupinha de petiz,
(Admirado)
Decerto, para algum ente feliz,
A quem Arminda serve de madrinha.

Arminda

(Cobrindo a creança)
Pobresita! Afinal és isentinha
Do peccado...

Henrique

(Deixando a roupa e afastando-se um pouco da meza)
Ella é meiga e caridosa...
E' tão 'smoler, é tão affectuosa
Para os pobres..

Arminda

(Levantando-se, dá um beijo na creança, vae lentamente sahindo do biombo para entrar na salla e exclama)

Meu Deus! Meu bom Senhor!
P'la Infinita vontade e grande amor,
(Sahindo do biombo)
Ahi fica, ahi fica essa creança,
Que n'este triste abrigo a sorte lança...

Henrique

(Avançando, surprehendido, para Arminda)
Senhora!...

Arminda

(Recuando atonita)

Ah!... Mas... Que vem fazer aqui?

Henrique

(Suffocado)

Buscar essa amizade que perdi...

Arminda

(Surprehendida e admirada)

An?! Buscar amizade?! Onde está ella?!

Henrique

(Avançando um pouco)

No saudoso ambiente d'esta cella!

Arminda

(Cada vez mais surprehendida)

O quê?! Aqui?! Decerto se enganou,
E sem duvida, creio, a porta errou.
Diga? Diga? Que veio aqui fazer?!...

Henrique

Abrigar-me ás caricias da mulher...

Arminda

(Profundamente admirada)

Hein! Que diz?! Da mulher?! Bem affirmo eu
Que o senhor se enganou, e qual judeu
Errante, anda passando em falsa estrada,
Iludindo-se ao certo na morada!

Henrique

(Avançando mais)

Arminda!...

Arminda

Ah! sim, sim! E' esse o meu nome;
Porém, tal coincidência não assome

O direito de crer-me quem procura;
E revella sómente muita uzura,
Imaginar, que cá, por este mundo,
Esse nome de mim seja oriundo !...
Sim ! Armindas ha muitas, acredite,
E tantas, tantas, que bem me permite
Repetir quanto falham seus caminhos !...

Henrique

(Com sentimento)

Que têm sido d'abrolhos e d'espinhos,
Senhora !...

Arminda

(Impaciente)

Vamos ! Vamos ! Que deseja ?

Henrique

(Contricto)

Confessar uma culpa que me peja.
E se ha muito, se ha muito ando perdido,
Bem penitente aqui tem seu marido !...

Arminda

(Com repugnancia)

Que diz o senhor ?! Meu marido ?!...

Henrique

(Corajoso)

E n'essa qualidade eu aqui vim...

Sim,

Arminda

(Com serenidade)

E como tal pretende apresentar-se ?!...

Henrique

Se dá licença ?...

Arminda

(Apparentando tranquilidade e indicando-lhe uma cadeira)

Então ! Queira sentar-se...

(Ambos se sentam em vis-à-vis junto á meza. Depois de pausa)

Com effeito... e em verdade, ideia tenho
 De que alguém, com astucia e muito engenho,
 Um dia conseguiu vêr-me no altar
 Dos esponsaes. E ali, p'ra consagrar
 Tal acto ou sacramento d'evangelhos,
 Ante um homem dobrei os meus joelhos!
 Então... padre d'aspecto venerando,
 As orações do rito foi rezando,
 Enquanto duas almas se fundiam
 A' lei de Deus, e dois peitos se uniam
 Ao regimen da mais pratica escola!
 Deram-se as mãos; depois, a branca estôla
 As cobriu, invocando o juramento
 Que firmaria o Santo Sacramento!
(Descançando)

E jurámos, jurámos n'esse exemplo,
 Que ños manda crear o bello templo
 Do amor! Mas, amor, não é ter por tecto
 Sómente a guarda e abrigo d'um affecto!
 E' mais, que de sublime, tem o vulto!
 E' n'elle edificar paz, honra e culto!

E assim, bem se jurou mais igualmente
 Que, obreiros de castissimo ambiente,
 Erigissem alli, em devoção,
 O respeito, dever, religião!

(Pausa, depois proseguindo)
 Realmente, senhor, lembra-me que um dia,
 Quando sã madrugada alvorecia
 Toda em perfumes, canticos e flôres,
 Alguem, que de mim tinha por amores,
 O symbolo d'aliança me entregava,
 E em meu peito dizia que se achava!
 Lembra-me!... Se me lembra, meu senhor,
 Tão lindo despertar, tão lindo alvôr
 Da pura realidade dos meus sonhos,
 Feitos de beijos castos e risonhos,
 De melodias suaves e plangentes!

(Com mais vida, erguendo-se)
 Se me lembra a manhã em que dois entes,
 Deleitados na força da paixão,
 Se uniam em solemne sagração
 D'um tributo!...

(Pausa, depois com magua)

Recorda-me... Entoava
 O órgão religiosos sons ! Resava
 Por assim dizer preces ao Bom Deus
 Pelo bem de sagrados hymineus.
 E que sons ! E que sons tão inspirados
 Na graciosidade d'uns noivados !
 Que harmonia e conjunctos fervorosos,
 Embalando a união de dois esposos !
 Que accordes, que hymnos tão sentimentaes,
 Incensando d'amor uns esposaes !...
 Sim !... Recordo em verdade o sorridente
 Dia, e conservo ainda bem presente
 Toda a felicidade que senti !...

(Pausa e apontando a porta de fundo)
 Olhe... repare... foi... foi por ali
 Que eu entrei com soberba magestade,
 Envoltas no meu véu de virgindade !
 Foi por ali que entrei; e junto a mim
 Vinha um noivo exclamando: «Emfim! Emfim!»

Henrique

(Levantando-se e interrompendo-a)
 E esse noivo, senhora, era...

Arminda

(Atalhando)

Era alguém,
 Que na ambição de posse que se tem,
 N'essa grande ambição a que se aspira,
 Julgou depois que tudo era mentira,
 Falsidade, illusão, tolice e asneira !
 Era alguém, que fitando em pasmaceira
 A vitrine d'objecto precioso,
 Pensou e reflectiu que ao usar-lhe o goso,
 Exagerára as suas qualidades,
 E se precipitara nas vontades !

Henrique

(Pretendendo interrompê-la)
 Mas, senhora...

Arminda

(Atalhando-o)

Não queira ter o arrojo
 De desmentir-me, pois qual, qual estojo,

A guardar um brilhante lapidado,
Assim foi e era o meu véu de noivado;
Assim foi o meu véu, que descoberto,
Lhe mostrou, afinal, o que de incerto
Era o seu pensamento em ideal...

Henrique

(Interrompendo)

Mas hoje, o positivo e o real...

Arminda

(Impondo silencio)

Nada d'interrupções! Estou fallando,
E desejo ir a pouco demonstrando
O meu sentir. Dizia eu ha bocado
Que, tal como brilhante lapidado,
Era a mulher sahida da innocencia
Para o mundo da prova e exp'riencia.
E... e senão, vejamos! Em geral,
Tem a mulher encanto natural,
E attracções de que muito foi dotada;
Mas quando pretendida, quando amada,
Eil-a que se transforma em maravilha,
E qual estrella, attrahe, encanta e brilha!...
Anjo do ceu, que assim tanto seduz,
Astro de fé, de vida, d'alma e luz;
A guia, o norte, a briza perfumada,
A lyra d'amor, Virgem, Deusa e fada,
Tudo, enfim, de tal modo concebida,
De tal maneira olhada e percebida,
Que um Velasques, Murillo ou Raphael
Jámais produziriam do pincel
Inspiração igual! Mas, como as flôres
Que em jardim vão brotando de mil côres,
A ellas bem se assemelham as mulheres.

Cravos, jasmims, tulipas e outros seres
Que da especie Deus pôz em geração,
Um ha que nos merece distincção,
E para elle vae vista attenciosa.

D'entre as flôres, destaca-se uma, a rosa,
Pela côr e finura de formato;
Aroma que daria suave extracto,
E viço tal, que lagrimas d'orvalho

Pousando-lhe com arte e lindo talho,
De perolas, imita, collar fino,
A guarnecer um collo alabastrino !

Elegancia suprema, ar donairoso,
A rosa attrahe olhar ganancioso;
E com motivo, pelo mundo inteiro
Lhe chamam a rainha do canteiro !

Admira-se, contempla-se a belleza
Que a nossos olhos deu a natureza !
Pasma-se em fascinante adoração
Absorvendo o producto, a criação
Genial ! E depois, não resistindo
Ao desejo de ter o fructo lindo,
Corta-se o encanto, o imán attractivo,
Para figurar qual decorativo
N'uma jarra de *Sevres*, ou crystal !

Mas, coitada ! eis ali todo o seu mal !...
A pobresita já dias após
Não escutava nem ouvia a voz
Da admiração ! E ha pouco despresada,
Sem carinhos, de todo abandonada,
Curva-se, tomba, murcha, cahe e acaba !
Nem sequer o perfume que exhalava
Vem recordar a sua contextura !
Morreu e foi-se, foi-se a formosura !...

(Com desalento)

Assim é a mulher que s'enaltece :
Tambem se apaga, cahe e desfallece...

(Ouvem-se n'esta altura uns vagidos de criança)

Henrique

Por Deus, senhora ! attenda... queira ouvir
A voz de quem pretende redimir
Os erros de uma vida attribulada...
(Redobram os vagidos da criança)

Arminda

(Procurando affastar-se)

Não posso ! Veja que outra vida brada
Pela minha presença, e bem m'incute

Um dever ! Veja ? attenda ? escute, escute
Os vagidos d'aquelle innocentinho
Pedindo o meu conforto e meu carinho !

Henrique

(Attonito e escutando)

Os vagidos !? Os choros de criança ?!...

(Confuso)

Mas !... Mas, minha senhora !

Arminda

(Interrompendo)

E' uma herança,
Que chama os meus cuidados !

Henrique

(Inquieto)

Mas perdão !
Apenas um minuto d'attenção !

(Em confusão d'ideias)

Aquelle choro!... Sim!... tão infantil!...

Traduz-me a existencia de um ardil !...

Espere ? Espere ?

(Avançando).

Arminda

Diga, mas depressa,
Pois que aquelle lamento jámais cessa
Sem ternuras de mãe !

Henrique

(Atalhando)

Senhora !

Arminda

(Crusando os braços)

Que ha ?!...

Henrique

(Apparentando soffrimento)

O martyrio em minha alma ! Mas... ná... ná...

Não pode ser ! Não pode ! Diga ?! Diga ?!

A que data, a que data, sim, se liga

O nascimento d'esse seu vivente ?

Arminda

(Impassivel)

Tem seis mezes approximadamente!...

Henrique

(Muito surprehendido)

An! ? Seis mezes ? ! Senhora ! o que me diz ? !

Arminda

A verdade ! Foi Deus que assim o quiz !...

Henrique

(Dolorosamente invocando a memoria)

Deus ? ! Foi Deus ! ? Contudo... essa referencia
Não condiz com a minha grande ausencia
D'esta casa ! Senhora ! Por quem é ?
Veja o que em meu semblante já se lê,
Sabendo-se que ha mais, ha mais d'um anno
Me ausentei... E esse filho... é...

Arminda

(Interrompendo)

E' profano !...

Henrique

(Avançando de punhos cerrados e exclamando)

Ah !...

Arminda

(Imperiosa)

Suspenda ! suspenda, desgraçado !
Que não tremo ante o facto consumado !
Suspenda, porque não me atemorisa
A ira de quem adopta por divisa
A infamia ! Pare, pare, não avance,
Que não vacilarei em frente ao lance
Despotico de tão vil caminheiro
Do mal ! Sim ! pare, pare, cavalheiro,
Suspenda, porque não tremo perante
Affirmar... que esse filho...

Henrique

(Interrompendo)

E' ?...

Arminda

(Altiya)

D'um amante !...

Henrique

(Interrogando)

E a mãe ? !...

Arminda

E' a mulher que deshonorou
O nome d'um marido, que aviltou
A dignidade dum sêr conjugal,
E se lançou para esse lodaçal
Da miseria humana ! E' a mulher
Que na loucura d'orgico praser
Se lançou ao enxurro da corrente,
Vestal indecorosa e deprimente !...

Henrique

(Interrompendo, e convencido de ser victima de cilada)

E' a mulher, que, sem honra e vergonha,
Buscou a aviltantissima peçonha
Da desforra cruel, não é verdade ?
A mulher que, perdendo a dignidade,
Em troco de torpissima vingança,
A mostra, com a prova da creança
Existente no lar, que de novo ora
Procuro. Que se não vexa, nem cora,
Com a pratica d'um crime aviltante;
A mulher que na sêde devorante
De debitar affrontas, só reclama
A moeda emprestada, e a si chama
O direito d'um plano indecoroso,
Pagando-se com acto vergonhoso;
Atirando-me ao rosto grave insulto,
E corrompendo todo, todo o culto
Que deve ter-se pela honestidade !
A mulher que despresa a probidade,
E que na hora da minha reflexão,
Aponta esse signal de corrupção
Como atroz vilipendio e atroz injuria !
E' a mulher ardendo em odio e furia
Vingativa, sem alma, sem nobresa,
Sem outro qualquer dom de que se presa
A sociedade, pois não é assim ?

E' a mulher que jura contra mim
 A guerra, de, a façanha, outra façanha,
 E que em descaramento me arreganha
 Os dentes da villesa e da traição!
 A mulher que transforma o coração
 Em veneno odioso e repelente,
 Para em dado momento, e ardilmente,
 O injectar em minha alma, proclamando
 Um feito immoralissimo e execrando!
 A mulher que s'isenta do civismo
 E logo se mascara do cynismo
 Que ultraja, sem que ao menos se recorde
 Que a raiva que inocula, quando morde,
 Encerra sempre o virus e o microbio
 Para sua deshonra e seu oprobrio!
 E' a mulher, emfim, que, sem virtude,
 A taes proezas tão vilmente allude!
 A mulher, que tal nome não merece,
 Quando só se desprende e só se esquece
 Do fim para que fôra concebida!
 E' a mulher, em suma, confundida
 Na escoria da miseria, que profana,
 Que atração, e que tudo, tudo engana!...

Arminda

(Interrompendo)

Ora nem mais, diz bem! E' essa mesma;
 E' essa tal, o monstro, essa abantesma
 Que descreve, acredite? E' essa, é essa
 Misera que se expõe e que confessa...

Henrique

(Interrompendo)

O proceder infame d'uma esposa!

Arminda

(Interrompendo indignada)

E' lá! Suspenda a phrase rancorosa,
 E não se atreva, não se atreva a tanto!
 Fallá-se da mulher, saiba; porquanto,
 A esposa, está aqui, embora diga
 Que deixou de o ser, para quem se abriga
 Não mal.

Henrique

(Furioso)

E a senhora? Onde se abrigou?

Arminda

(Correndo para junto do berço onde se encontra a criança, cahindo de bruços sobre ella, chorando, enquanto Henrique lhe vae seguindo todos os movimentos.)

N'esta vida que Deus me destinou!

Henrique

(Crusando os braços)

Mentira! e hypocrisia! Diga-me antes
Que se abriga ao producto d'uns amantes!
Que se abraça á tristissima irrisão
Da mais adulterina concepção!
Diga antes, que se acolhe na sentença
Que me fôra ditada; e que em presença
D'esse escarneo, se prova a hediondez
D'um crime, que a vingança traz e fêz!
Diga-me, antes, senhora, que aconchega
O fructo que a immoral lhe deu e lega
Como espelho constante de traição,
Como sobrio reflexo da illusão
Em que cahí!...

Arminda

(Levantando-se e enchendo-se de coragem).

Pois seja! Assim o diga!...

Esta creatura...

Henrique

(Interrompendo)

O insulto!...

Arminda

(Interrompendo)

E' o castigo!

Henrique

(Recuando e disposto a sahir)

Passe Vossa Excellencia muito bem

Minha Senhora!!

(Apontando para a porta)

Aquella porta, tem
 O condão de se abrir ante a passagem
 D'este tão illudido personagem;
 E se aqui vim, buscando honestidade,
 Convicto saio e vou, da falsidade
 Com que ella se proclama e annuncia!
 Tudo, emfim, é a mesma hypocrisia,
 Variando sómente em sociedade;
 Porquanto, se lá fóra a indignidade
 Se expõe, aqui se occulta no cynismo
 Que rodeia o ambiente! Pasma e abysmo,
 Senhora, do que vejo! Abysmo e pasmo
 Ante o revoltantissimo sarcasmo
 Que preside á mudança d'este lar
 No mais indecoroso lupanar!

Arminda

(Revoltadissima)

E eu então, pasmo e abysmo, meu senhor,
 Do biltre que, sem honra e-pondonor,
 Se arroja a censurar, altivamente,
 A esposa que despreza infamemente!

(Alta, apontando-lhe a porta)

Sala! Que jámais tem auctoridade
 Para insultar, quem só na indignidade
 Vagueia e lá procura o seu viver!

Henrique

(Altivo)

Mas eu sou homem!

Arminda

(Avançando um pouco para o fundo, enquanto Henrique vae recuando para sahir)

E eu... eu sou mulher!

(Indica-lhe a porta)

Fim do primeiro acto

ACTO II

A mesma sala do acto anterior e com a mesma disposição. Dentro do biombo que continua a encobrir a vista dos personagens de scena, encontra-se ainda dormindo a criança. Ao subir o panno, entram pelo fundo Henrique e Margarida.

SCENA PRIMEIRA

HENRIQUE E MARGARIDA

Henrique

Ora aqui tem os novos aposentos
Que servirão de galla aos meus intentos.
Repare? Veja o luxo d'esta sala,
Que a nada, mesmo a nada mais se eguala.
Hein! Hein! Que lhe parece ?!

Margarida

(Admirada)

Realmente,

E' soberbo ! ideal ! Mas, francamente,
Acho bello de mais; bello de mais
P'ra quem se entrega a gosos tão yestaes !...

Henrique

Engano, Margarida, puro engano;
Tudo isto é impostura e só profano!
Apenas a mudança de scenario,
Com quanto lhe pareça um relicario
O que está vendo, creia. Tão sómente

D'aspecto a mutação, mas apparente
 E falso, no que indica, pois de facto,
 Quanto vê, é traidor e bem ingrato;
 Senão vejâmos: Ha n'este conjuncto
 O mais completo, o mais perfeito assumpto,
 Para que se analyse e fundamente
 Toda, toda a ironia d'este ambiente;
 E descrever, eu vou, essa ironia,
 Sem lhe oppôr a mais leve phantasia.
 Queira ouvir :

Margarida

Ouvirei...

Henrique

Repare então :

O que se nota n'esta perfeição,
 Unicamente serve p'ra esconder
 A cynica existencia da mulher !

Margarida

(Interrompendo)
 Minha rival? Talvez !

Henrique

Nem mais, diz bem !

Sua rival, que arrojo mostra e tem
 Para se apresentar envaidecida
 No luxo de que a salla é guarnecida.
 Conhece-a ?...

Margarida

Talvez não... eu nunca a vi...

Henrique

Pois para isso a conduzo eu hoje aqui;
 Mas antes, extasie-se no espavento
 D'estas decorações, cujo elemento
 Só pretende encobrir o que lá fóra
 Se chama a todo o instante e a toda a hora
 Miséria, corrupção e tudo o mais
 Que tanto affronta e insulta bons mortaes !
 Admire-se perante as bambinellas

Que, pendentes das portas e janellas,
 Servem para vedar todo este centro
 A bachanaes, passadas aqui dentro !
 Reveja-se em vestaes tapeçarias
 Soffucando o ruido das orgias;
 Nos estofos que abafam enthusiasmos,
 Os gritos de volupia, os espasmos
 D'uma lubricidade illimitada...

Margarida

(Interrompendo)

Mas diga ? Não será exagerada
 A affirmativa ?

Henrique

Como assim ? Duvida ?

Margarida

(Admirada)

E' que, em verdade, nunca em minha vida
 Soube como se possa conjugar
 Toda a revolução do lupanar
 Com esta ordem e accelo que estou vendo;
 E com effeito, Henrique, não entendo,
 Não percebo a harmonia que se avista,
 Sómente discordante e antagonista
 Ao meio onde se espalha a corrupção.

Henrique

E' o que lhe parece...

Margarida

Qual ? Não; não

Posso acreditar, não, no que me diz,
 Pois que a nossa existencia jámais quiz
 Aceitar os cuidados d'este apuro.

Henrique

(Interrompendo)

E comtudo, affirmo, é um lar prejuizo...

Margarida

(Em duvida)

Será, mas... mas para isso não se admitte

A apparencia do arranjo, que transmitta
 Não sei que, de completa opposição
 A' anarchia da nossa profissão;
 E eu sinto que d'istante para instante
 O esp'rito se consulta, inquietante,
 Na atmosphera que aqui dentro respiro...
 Diga ? Diga ? Onde estou eu ?!...

Henrique

N'um retiro

Cuja devassidão bem se proclama,
 Repito, muito embora tenha a fama
 D'honesto, muito embora elle se incense
 D'um perfume que nunca lhe pertence.
 Duvida ainda ?

Margarida

Sim ! eu... eu duvido !

Porque não póde ter aqui vivido
 A mulher que appella de devassa;
 E affirmarei, senhor, que a nossa raça
 Foge a toda e qualquer preocupação,
 Que não seja gôsar devassidão !

(*Olhando para tudo*)

Tudo isto que a meus olhos se depara,
 E' coisa que se torna muito rara
 A nossos olhos ! Coisa vaga, inutil,
 Sem valôr, pueril, impropria, futil,
 Para quem como nós, p'ra quem como eu,
 Se ceva nos instinctos que me deu
 A sorte, e se refaz insaciada
 Na sêde d'uma vida depravada !

Henrique

(*Approximando-se de uma chaise-longue, e fazendo
 signal a Margarida para se sentar*)

Está bem Margarida, venha cá;
 Sentemo-nos, que mui não tardará
 Que momento opportuno e bom ensejo
 Apresente mil provas de sobejo,
 Destrahindo, negando e desmentindo
 Tão errada impressão que está sentindo.

Margarida*(Sentando-se)*

Impressão tal, senhor, que, na verdade,
Se apossa de mim com necessidade
De profundar o fim d'este recanto,
Receosa de crêr que seja o manto
Da deshonra que o cobre. Pois ! Pois quê !
Aonde e em que parte é que ella se vê
Vegetando assim ? Diga-me: em que parte
Ella póde adorar a belleza e arte
Do conjuncto tão bem disposto aqui?
Não, Henrique ! A deshonra folga e ri
No turbilhão d'immenso desalinho,
Não lhe sobrando tempo p'ra o carinho
E trato da vivenda que se habita;
A deshonra sómente tem escripta
Na mansarda a legível taboleta
Que annuncia onde pára, onde vegeta,
E as nossas mãos, que apenas tem o dom
De sentir, do dinheiro, o timbre e o som,
Não sabem como tudo isto se faz
Dentro da ordem e d'esta santa paz.
As nossas mãos têm o unico mister
De procurar os gosos e o prazer
Do ouro, que só se emprega na razão
Do luxo, necessario á attracção
Da vista indagadora das orgias,
E indispensavel para a concorrência
Da prostituidora residencia !...
As nossas mãos sómente se utilisam
Nos postiços que tanto symbolisam
O antro por onde sempre rezidi,
E já n'elle então, uma vez ali,
Quando na ausencia, quando no despojo
Das seducções, só tudo logo é nojo
No labyrintho d'horas viciosas,
Na balburdia de noites amorosas !
Uma vez ali, tudo vem dizer
Do estado social d'uma mulher !

E quer, senhor, fazer-me convencer,
Que possa n'esta casa só viver
Alguem que a minha classe represente ?

Henrique

Quero sim; quero, e muito facilmente...

Margarida

Porém, como? No luxo do aposento
 Não, porque n'elle ha todo o sentimento
 Que eu ignoro. Na graça e harmonia
 Muito menos, por quanto a apostasia
 De virtudes se não traduz assim,
 E nem ella se adquire com tal fim!

Henrique

Porque o sabe?

Margarida

No exemplo d'esta vida,
 Que uma outra aniquilou e fez perdida!
 Nas provas da existencia que atravesso,
 Demonstrando que tudo isto é avesso
 A' desorganizada habitação
 De quem só s'expõe á prostituição!

(Levantando-se e puxando Henrique pelo braço)
 Ouça: se, como diz e me affiança,
 Estamos sob um tecto d'aliança
 Deshonesta; se, como bem proclama
 A devassidão n'este lar se inflama
 Por impudica e má camaradagem...

*(Apontando para um Christo que está na parede e
 para a imagem da Virgem, n'um quadro)*
 Que faz, senhor, além, aquella imagem?
 E inda est'outra aqui? tanto a destoar
 Do cortejo que envolve o lupanar?

Henrique

São os taes attributos da mentira,
 Ante os quaes se revê e mui se admira!

Margarida

Mentira?! Mas onde, onde apparece ella?
 E como e de que fórma se revella,
 Se, por muito que faça, inda a não vi?...

SCENA SEGUNDA

OS MESMOS E ARMINDA

Arminda*(Entrando pela porta lateral á D. e exclamando dolorosamente surprehendida)*

Ah !...

Henrique*(Reparando em Arminda e dirigindo-se a Margarida)*

Quer ver a mentira ? Olhe... Eil-a ahi !

Arminda*(Altivamente)*

Mas que significa este atrevimento ?!

HenriqueCoisa de mero e simples argumento,
Não se assuste !*(Pegando n'uma das mãos de Margarida)*

Apresento a minha amante...

Margarida*(Timida)*

Senhor ! a que se atreve !?...

Arminda*(Cruzando os braços)*

Que farçante !

Henrique

Serei; no entanto, como as boas farças
 Reclamam a presença de comparsas,
 Queira representar o seu papel,
 Indicando com essa alma de fel
 A peçonha do mal que tanto encobre
 Nas apparencias d'uma casa nobre !...
 Vamos ? Queira sahir d'esse mutismo
 Que estampa hypocrisia e diz cynismo !
 Queira tirar a mascara traidora

E mostrar ante mim e esta senhora
 Como a deshonra n'este lar se fez
 E abunda por aqui aos pontapés !...

Arminda

(Com repugnancia)

E porque não, indigno cavalheiro !
 Porque não hei-de, em modo sobranceiro,
 Indicar-lhe o que pede no momento ?
 Porque não hei-de dar conhecimento
 Ao que exige em palavras que só são
 Proferidas p'la bocca d'um villão !
 Porque não hei-de com toda a altivez,
 Mostrar como anda o mal a pontapés ?!

(Apontando para Margarida)

Mire-se no instrumento de façanhas
 E d'outras mil proezas que são ganhas
 Na desgraça. O mal, paira por alli,
 E também d'egual forma o veja em si,
 Como estigma do mais reles exemplo
 Da profanação d'um culto e d'um templo!

Margarida

(Interrompendo e dirigindo-se impaciente a Henrique)

Por Deus, senhor ! Indique-me onde estou ?!

Henrique

Na casa de quem só rivalisou
 Com a miséria a outros imputada
 E que, insultando mesmo, toda irada,
 A presença das nossas entidades,
 O faz, creia, nas mesmas egualdades
 Do direito com que eu deya insultar,
 Da causa, que m'instiga p'ra accusar;
 E, se insultos se pagam com insultos,
 Veremos então quem profana os cultos
 Do bom caminho; quem mancha e arruina
 O que a moralidade nos ensina !
 Veremos então quem mais enodeia,
 E quem com crime e farça mais hombreia !

Arminda

(Indignadissima)

E' o homem que, sem brio e pundonor,
Assim falla ! E' o biltre, cujo horror
Repugna a toda, a toda a consciencia,
E talvez até á d'essa existencia
Que ora aqui trouxe para mais vexame
Meu ! E' o homem perverso, mau, infame,
Ultrajando o que só é digno e honesto !

Henrique

(Interrompendo)

Mas que ao mais pequenino e simples gesto
Irá destruir essa honestidade
Apregoada com tanta falsidade !

Margarida

(Antepondo-se)

E é já tempo, senhor, para o fazer,
Visto que me pretende convencer
Do que vem affirmando.

(A Arminda)

Ouça, senhora:

Creio bem que, ante força vingadora,
Me encontro n'esta salla; e é bem certo
Que, seja p'lo que fôr, eu já desperto
Mais ou menos da minha inconsciencia,
Para crêr que pratico irreverencia
Encontrando-me n'estes aposentos.
E eu então, que não tenho sentimentos
Senão os que a desdita me deixou,
Sinto que dentro em mim ora soou
Alguma coisa sã, e não sei quê
D'extranho, a confirmar a crença e fé
Que ha pouco me assistia, suspeitando
De que, por aqui, não anda pairando
O mal...

Henrique

(Atalhando)

Mas... como assim ?! Se tal suspeita,
Vae muito brevemente ser desfeita
Ante o espelho fiel, e reflectir...

Arminda

(Interrompendo)

No grande soffrimento e minha dôr !

Mas como Deus em tudo dá coragem,
Eu propria mostrarei toda a miragem
Do espelho que pretende descobrir.

(Com altivez)

Mas veja bem, que só vae reflectir
A verdade, e ella, saiba, que aniquilla
Os infames, tornando mui tranquilla
A consciencia accusada ! E a verdade,
Chamando os villões á realidade,
Vae prostra-los na immensa confusão
De crimes, sem desculpa, nem perdão !
A verdade, esse grande dom do mundo,
No peito dos malvados crava a fundo
O punhal do castigo merecido !
E ai de si, miseravel ! se vencido
Ficar na falsa lucta que travou !
Ai de si, se, p'ra mim, Deus evocou
A redempção, á face do mysterio
Que lhe auctorisa tão cynico imperio
D'insidiar, lançando-me labeus
Que apenas tanto o attingem e são seus !

(Com arrogancia)

Pois bem ! Perante mim, e n'este instante,
Se defrontam marido e sua amante !

Margarida

(Surprehendida)

Senhora !? Que dizeis ?! E' seu marido
Este homem que comigo tem vivido
E que, não sei porquê, aqui me trouxe ?!...

Armlnda

E' ! Mas melhor seria que o não fosse !
Vamos : Perante mim e n'este instante,
Se defrontam marido e sua amante,
Procurando em vilissima baixeza
O mal que tão sómente a elles lhe peza !
E se era meu dever escorraçar
Quem se arroja e atreve a enxovalhar
Com descáro, a virtude d'esta casa,
Só muito antes a minha alma se empraça
A repudiar b. m altivamente
Os instinctos de tão ignobil gente,
Ordenando que fiquem, por minutos,
Na expiação de feitos e seus fructos.

Henrique

(Interrompendo)

Mas essa altivez, é demais, senhora,
Para quem se transforma em peccadora !
Essa altivez repugna por excesso,
Na mulher que adoptou egual processo
D'ilegitimidade em relações ?!...

Armlnda

(Com desprezo)

Basta ! Basta d'infames allusões !

Margarida

(Antepondo-se)

Sim ! Sim ! Basta senhor ! Não diga mais,
Porque as suas palavras são fataes,
Fataes p'ra o nosso crime, e redemptoras
Para quem se dirigem, salvadoras
P'ra quem lançadas vão ! Basta, senhor,
(Apontando para Armlnda)
Em nome da verdade occulta em dôr !

Armlnda

(Surprehendida)

Mas... o que falla ahí, n'essa existencia !

Margarida

(Com pezar)

Qualquer coisa da minha consciencia !
(Ouvem-se uns gemidos de criança).

Henrique

(Perturbado e levâdo as mãos á cabeça)

E agora falla a vós d'alta vingança
Nos gemidos que solta essa criança !...

Margarida

(Subitamente e apontando para o biombo)

Senhora ! Quem... quem é que chora além ?!...

Armlnda

E' um pedaço d'alma que vil mãe
Despresou !

Margarida

(Cahindo de joelhos)

Ah! Meu Deus! perdão! perdão!...
Porque falla agora este coração!...

Henrique

(Admirado perante a posição de Margarida)

Surprehende-me esse humilde movimento?!...

Arminda

Falla o remorso em forte sentimento!

Margarida

(Levantando-se e dirigindo-se a Henrique)

Bem dizia eu, senhor! bem dizia eu,
Duvidando de que isto fosse reu
Do cynismo que tanto apregoava!...

Henrique

(Surprezo)

Como assim?! Se inda ha pouco ahi chorava
O producto do crime e da traição?!

Margarida

Era a voz da verdade e da razão,
Illuminando as trevas da mentira!

Arminda

(Interrompendo)

E' a prova do mal que tanto aspira,
Para me confundir n'essa torpeza
Que inventou, e que sempre se despreza
Com orgulho e altivez, porque, orgulhosa,
Bem se torna a mulher crente, e ciosa
Dos seus deveres, mesmo, mesmo quando
Isolada p'lo pessimo desmando
Do marido, mesmo inda que atirada
Para o jus da vingança provocada.
Orgulhosa se torna esta mulher
Que, no direito d'um mau proceder,

Em desforço do seu procedimento,
Só antes se acoberta ao sentimento
Que a sã moralidade nos indica,
E ao bem que tudo, tudo dignifica !

E é então o senhor, que, sem nobreza
D'aquillo onde se lê, estuda e reza
A melhor oração da nossa vida,
Vem hoje, perante esta alma esquecida,
Interrogar na mais dura exigencia
Quaes as razões porque tenra existencia
Se acalenta no leito de innocentes,
Com meus affagos ternos e dolentes !

E é então o senhor, é o senhor,
Que, aggravando inda mais a minha dôr,
Vem hoje aqui no intuito de saber
Porque se encontra ao lado da mulher
Desposada, a criança que acalenta ?
E sabe porque ? Sabe porque dentro
D'este lar se aconchega esse vivente ?
Porque, sem duvida, é seu descendente !

biblioteca
Henrique

(Surprehendido de subito)

Meu filho ? ! ... Que irrisoria affirmativa
Para suas desculpas e evasiva !
Meu filho, an ? Com que então, meu filho ? E esta ? !
Só se a este lar se dá, faculta e presta
Q mysterio da tal santa doutrina !
Talvez ! Talvez que a *Graça*, a *obra Divina*,
Pôr aqui estendesse o puro manto,
E que depois, p'lo dom do Esp'rito Santo,
Eu tambem seja pac ? ! Talvez, talvez
O mysterio julgasse pôr-me aos pés
O filho que me indica, não é assim ? ...

(Irado)

Ora vamos senhora ! Ponha fim
A' comedia tão mal representada,
E diga como essa alma envenenada
Concebeu a pequena creatura ?

Arminda

(Apontando para Henrique e Margarida)
 No desvario do pae e na loucura
 Da mãe ! .

Margarida

(Levantando-se e avançando para Henrique)
 Que sou eu ! Sim ! Sou eu, senhor,
 Que na ancia de vingança e de rancôr,
 Me desfiz da creança que me deu.
 A mãe maldita, está aqui, sou eu,
 Que em cegueira da minha profissão
 Atirei com a nossa criação
 Ao sebôr dos instinctos d'esta vida.
 A mãe, que tem por nome Margarida,
 E por mister o vicio infamante,
 Sou eu ! Esta que foi a sua amante,
 E de cuja união sahe oriundo
 Esse fructo que vê a luz do mundo.
 A mãe, sou eu, que na brutalidade
 Do meu sentir e tão baixa maldade,
 Apunhalou por fôrma audaciosa
 O socego do lar, e o bem da esposa !
 A mãe senhor, sou eu, esta mulher,
 Que um pedaço de carne faz viver
 P'ra orgia, palpitando em sangue vil !
 A mãe sou eu, eu, uma d'essas mil
 Clientes de tão indigna alla mundana,
 E que, vivendo sob a fôrma humana,
 Só renegam os dons da Natureza
 Por bem degeneradas em baixeza !
 A mãe sou eu, que tal nome invocando,
 Se affronta um predicado venerando.
 Alma não a tenho; odios ha alguns;
 Nada d'amor e meritos nenhuns.
 A mãe ? a mãe, sou eu, este horror ! . . .

Henrique

(Mal comprehendendo a situação)
 Margarida ! Que diz ? ! . . .

Margarida

Digo, senhor,

A primeira verdade em minha vida;
 Digo que essa criança foi nascida
 Das nossas relações, e existe aqui,
 Em virtude do mal com que eu agi.
 E' minha filha! e sua o é também,
 Mas nunca, nunca em mim, teve ella mãe!

Henrique

(Attonito)

E' minha filha?! Mas então... então...
 O que se fez da minha sã razão?!...

Armlinda

*(Approximando-se do biombo e abrindo meia porta.
 de fórma a ficar viçível o interior aos personagens)*
 De ha muito anda perdida.

(Apontando para a criança)

E aqui tem

Os espinhos da estrada d'onde vem!

Henrique

(Approximando-se um pouco)

Meu Deus! O que vejo?! Ella? A pequenita?
 Sim! é ella! Mas, como se acredita
 Tudo isto?!
 bIBRIA

Margarida

Pela fórma com que obrei
 Em face d'esta nossa infame grei.

Henrique

(Encolerisado e avançando para Margarida)

Porém, com que direito me levou
 A proclamar um crime que tramou?

Margarida

(Humilde e avançando um pouco)

Não sei! Olhe? não sei!... Bem vê, bem vê,
 Que nos obramos sem alma nem fé.
 Pois eu sei lá senhor! sim, eu sei lá
 O que fiz? Foi apenas o que dá
 Esta vil creatura! Foi sómente
 A pratica d'um acto inconsciente!...

Arminda

(Interrompendo)

E que, talvez, por essa inconsciencia,
Um porvir se consiga da innocencia...

(Apontando para o berço)

Descança ella no leito que lhe dei,
Embalada p'la dôr que alimentei.
E nas minhas canções, mesmo chorando,
A pouco e pouco irei sempre insuflando
A redempção. Depois, quando mais tarde,
Ao bom Deus eu imploro que m'a guarde
E d'esta virgindade faça alguém,
Já que o mesmo Deus d'ella me fez mãe.

(Approximando-se do berço)

Vejam ? Sonha decerto na ventura
Que o acaso lhe trouxe, e na candura
Do berço onde dormita ! Berço pobre
De brocados, mas rico, rico e nobre
Do bem ! Sonha decerto na esperanza
Com que se entrega á minha confiança;
Sonha, quem sabe ? na libertação
Da cadeia que traz humilhação !...

Margarida

(Avançando e exclamando)

Minha filha ! Meu Deus ! Grande verdade !
E' a isto que se chama honestidade ?

Arminda

(Continuando, enquanto Henrique fita a creança, succumbido)

Vejam ? ! E era, era então este senhor,
O grande, o grande espelho reflector
Do meu crime ? !

(Vendo que Henrique emudece)

Ande ? Diga ? accuse e insulte,
Para que todo o mundo veja e ausculte
A farça attribuida ! Vamos, falle ?
Porque emudece ?

(Apontando para a creança)

Tem aqui o mal,
E é ante elle que deve demonstrar
O cynismo, a baixeza d'este lar,
E tudo o mais que omitto, occulto e callo !

Henrique

(*Timido e a custo*)

Fallar ? Eu... eu... senhora ?

(*Com pausa*)

Sim, eu fallo...

Eu vou fallar, consente ?...

Arminda

(*Altiua*)

Porque não ?!

Henrique

(*Curvando-se humilde*)

Pois fallarei ! (*pausa*) Perdão !

Margarida

(*Cahindo de novo aos pés de Arminda*)

Perdão ! Perdão !

Arminda

Mas, em nome de quê ?... sim ?... e porquê ?!

Henrique

Do remorso que assiste, e se antevê !

Margarida

P'la crença, de que abjuro e reneguei

P'ra sempre o caminho em que me abysmei.

Arminda

(*Levantando os olhos para o ceu*)

Senhor ! Senhor ! p'ra os pomos da discordia,
Venha a vossa infinita miser'cordia !

CAHE O PANNIO

Fim do segundo acto.

bibRIA

EPILOGO

A mesma scena do prologo. Margarida, ao subir o panno, encontra-se sentada junto d'uma pequena meza, com a cabeça apoiada nas mãos e completamente succumbida.

SCENA PRIMEIRA

Margarida (só)

Eu a chorar ! e lagrimas ardentes
Deslisando nas faces reviventes
De vergonha ! Deus na alma ! e ao coração
Amor ! Ao meu espir'ito a reflexão !
Na consciencia a revolta e o remorso
Em que já me debato e me contorso !

O que é ? que póde ser ? A reacção
Convulsionando o corpo, e a razão
Subjugando-me, por demais vencida !
O que é ? (Pausa)

E' a verdade, Margarida !

Verdade ? ! E quem responde ? Quem me falla ?
E' Deus ! Mas Deus compara, Deus eguala
Esta mulher aos dons da Natureza ?
Sim. Porque se nasceu para a baixeza,
Redime-se p'ra o bem ! Ah ! mas eu minto
E pequei, pois agora mesmo eu sinto
Que para o mal o mundo me não doou,
Nem Deus para a baixeza me creou !
Deus, amando, só cria para amar,
E eu amei... oh ! amei, mas a sonhar,

Apenas a sonhar, sim, porque alguém
 Sepultou do meu sonho todo o bem !
 Eu nasci para amar, e amei; amei
 Quanto pude ante a bôa e pura lei
 Do amor, mas, mas depois, quem tanto amava,
 Disse-me um dia que isso não passava
 De um mytho, e foi-se andando na procura
 D'aquillo que á pobreza salva a agrura;
 Foi-se andando na busca de riqueza,
 Porque eu era pobre, e isso se despreza !
 E é então, é então que o meu amor
 Se arrebatava nas garras do impudor;
 E' então, que me afundo nas camadas
 Que alimentam as tristes depravadas !
 Sim ! Eu amei ! E amei tanto, amei tanto,
 Que por causa de amor tão puro e santo,
 Busquei embriagar-me n'esta orgia,
 Para que o grande Deus a ninguém cria !

(Pausa)

Eu a chorar !... e lagrimas ardentes
 Deslisando nas faces reviventes
 De vergonha ! Porque ? E que fiz eu ?
 Fiz tudo e nada ! Fiz crime e labeu;
 Tudo, tudo p'lo mal d'uma existencia,
 E nada, nada pela inconsciencia.
 E porque alguém, alguém me aniquilou,
 Fiz tudo, e nada. Fiz... fiz o que sou !

(Pausa)

Eu a chorar ! e lagrimas ardentes,
 Velando os olhos bem remiiscentes
 Do que vi !...

E que vi eu ?... A mulher,
 A mulher como ella é e deve ser.
 Vi-a altiva e com toda a magestade
 Destruindo o insulto á sombra da verdade !
 Vi-a repudiando com nobreza
 Os feitos da maldade e da torpeza !
 Vi-a... vi-a tomando nos seus braços
 O fructo que proveio de devassos !
 Vi-a, evocando graças divinaes
 N'uma orchestra de sons tão maternaes
 P'rá criança que a minha embriaguez
 Ousou depositar, lançar-lhe aos pés !

E como tudo ainda fosse pouco,
 Em paga d'um agir mau, vil e louco,
 Eu vi-a, meu Deus! eu vi-a, meu Deus!
 Pedir que me enviasses lá dos ceus
 O perdão!

Mas que fiz eu?... Tudo... e nada...
 Fiz... o que faz mulher desnaturada!
(Tomba a cabeça sobre as mãos em posição dolorosa)

SCENA SEGUNDA

MARGARIDA E FERNANDO

Fernando

(Entrando pelo fundo)
 Ora até que enfim, linda Margarida!
 Por onde tem andado tão perdida?

Margarida

(Interrompendo n'um estremecimento subito de surpresa e quasi de indignação)
 Ah!...

Fernando

(Avançando e continuando)
 Por onde se tem tornado preza
 E errante a sua graça e gentileza?!

Margarida

(Dissimulando a tristeza)
 Em parte alguma, creia...

Fernando

Não parece...
 E olhe que o promettido não se esquece.
 Mas que tem? Que tem? Vejo que chorou?!

Margarida

Chorar? Eu?! Eu?!

(A' parte, limpando os olhos)

Oh! sim! não se enganou!

(alto) Chorar? Eu?! Não!

Fernando

Mas, seus olhos vermelhos,
São de tal flagrantissimos espelhos !

Margarida

(Dissimulando)

Nada isso diz, embora lhe pareça;
Efeitos só de dôres de cabeça
Que ha dias me apoquentam...

Fernando

E que, espero,
Melhorem ante o meu voto sincero,
E não impeçam minha estada aqui,
Já que de novo me honra, e me sorri
O convite, tornando-se occupado
O logar que me disse ter vagado.

Margarida

(N'um rapido estremecimento)

O que ?! Fui eu que o disse ?! Eu é que o disse ?!

Fernando

(Com estranheza)

Duvida ? Mas que grande exquisitice
Representa essa duvida !...

Margarida

Porque ?!...

Fernando

(Tirando do bolso um cartão)

Em face do bilhete onde se lê
O seu pedido, e ainda mesmo, quando
Claramente dizendo e bem frizando

(Approximando-se de uma porta lateral)

Certas palavras, junto d'esta porta;
A não ser que, que seja letra morta
O que me affirmou !

Margarida

(*Com repulsão*)

Não ! Não me recorda ?!

Fernando

Veremos, n'esse caso, se, se aborda
A phrase muito nitida ao ouvido,
Para que ella jámais tenha esquecido.

Foi aqui, veja, foi n'este logar
Que, apontando-me altiva e sem pezar,
(*Olhando para o interior d'um quarto*)
Certa vaga que ali dentro existia,
Perguntou o que lá se achava e via.

Respondi... o que ainda vejo :
Um leito.

(*Malicioso*)

E por signal que estava bem desfeito,
Em contraste com toda a compostura
Que ora se nota. Então, é n'esta altura
Que assim exclama :
« Está ao seu dispôr ».

Margarida

Lembra-me com effeito ! (*A' parte*)
Mas que horror !

(*Alto e approximando-se de Fernando*)

E' verdade ! E a verdade diz, Fernando !
Mas foi um dito mau, dito execrando !
Dito que não devia proclamar

(*Com desespero*)

E que fez mal, só mal, em m'o lembrar.

Fernando

(*Surprehendido*)

Porém, nada percebo, e muito menos
Com taes palavras, cujo modo e acenos
São expostos em termo aspero e rude.

Margarida

(*Apontando o leito*)

Aquella vaga, occupa-a hoje a Virtude.

Fernando

(Estupefacto)

Como assim ?! Isso é dito com ironia ?!...

Margarida

Fallo com consciencia e ufania
De a possuir !

Fernando

Verdade ?! Isso é verdade ?!...

Margarida

Digo-lh'o com a mór sinceridade.
O leito que em orgias se desfez,
Hoje... sómente cobre a honradez !

Fernando

(Approximando-se da meza, sentando-se e com ironia)
Bravo !... Sim senhor ! Muito bem ! Comtudo,
Espero que me explique por miudo
O que em vida de gran desfacatez
Se entende por virtude ou honradez.

Margarida

(Approximando-se tambem da meza e sentando-se)
Será um sacrificio, mas, emfim,
Cumprirei seu desejo.

Fernando

(Rindo)

E quanto a mim,
Agradeço a irrisoria explicação,
Que ouvirei com a maxima attenção.

Vamos. Comece. O que é honra e virtude ?...

Margarida

(Com amargura)

Sabel-o no passado, eu nunca pude,
Mas no presente, d'ella tenho a fé !
Virtude e honra, meu caro, eu lhe digo... E'...

(Com certo desprezo)

E'... o que o senhor nunca comprehendeu !.

Fernando

(Cada vez mais surprehendido)

Que nunca comprehendi? Que disse?! Eu?! Eu?!

Margarida

Sim, meu caro senhor! Que nunca, nunca
Comprehendeu; pois quem lança p'ra espelunca
Do vicio a mulher que disse amar,
A virtude não sabe interpretar.

Fernando

Allude então...

Margarida

(Atalhando)

A' minha triste historia
Muito bem reflectida na memoria!

Fernando

Mas isso... já lá vae ha tanto, ha tanto...

Margarida

Ah! Lembra-se? Pois bem! E embora o pranto
Volte a offuscar-me as faces de vergonha,
Rememoro o que em epocha risonha
D'uma vida serviu para o transporte
Da reles existencia e fraca sorte.

Creança, inda bem nova, inexp'riente,
Senti n'alma o que sente toda a gente,
Despertando p'ra quadra d'um amor;
E a pouco extasiada n'esse alvôr,
Deixei que me prendessem sympathias
Que vibravam n'um canto de harmonias!
Tudo então me sorria e tudo amava!
A graciosa manhã que despontava
No melodico trio de avesinhas,
O sol que vivifica as floresinhas,
O declinar da tarde, as noites bellas,
Da lua o brilho, a graça das estrellas,

O conchego, a familia, o trabalho,
 A paz, tranquillidade e o agasalho,
 A invocação, a biblia e a reza;
 Eu amava, enfim, toda a natureza,
 Pelo proprio amor da juventude,
 A vibrar como cordas de alaúde
 N'um peito que se alava para o bem!
 Mas de subito, meu Deus! esse alguem
 Que me elevara aos paramos do amor;
 Quem me ajudara a crel-o no primôr
 Da verdade, e guiava o norte meu,
 Que devia subir até ao ceu...
 Corta, derruba, as azas d'este alar,
 E obriga-me a cahir, faz-me tombar
 No grande turbilhão da tempestade,
 Na hecatombe e na mór fatalidade!
 E tudo, tudo então quanto eu amava,
 Breve se convertia e se trocava
 Pela renegação, pela baixeza,
 Deixando já d'amar a Natureza,
 Para me filiar em quê? Em quê?
 Nas hostes dos que nunca teem fé!
 E tombei! E cabi! (*chorando*).

Sim, sim, tombei!

A' custa de quê? Deus meu! Nem eu sei?!

(*A Fernando*)

Sei! Sei, senhor! A' custa do abandono
 Que me precipitou n'aquelle somno,
 Cuja lethargia obra o desvario
 N'um corpo molestado e doentio,
 Em proveito de todo o esquecimento
 Do que de bem havia em sentimento!

Pois se eu amava tanto, e d'esse amor
 Em si depositei e puz, senhor,
 A esperança ditosa de meus dias,
 Sem que se me opposessem phantasias;
 Se tudo lhe entreguei: alma, honra e vida,
 Para que tornar tão desvanecida
 A fraqueza da minha confiança?...

Fernando

(*Pretendendo desculpar-se*)

Porque eu ... porque eu tambem era creança...

(*Levanta-se*)

Margarida

Não ! Não ! Diga que foi a sede e fome
 De usufruir, e após, pensar que o nome
 Humilhava, e jámais lhe serviria
 P'ra linda sugestão que me incutia;
 Diga: foi o que muita gente faz,
 Captivando, prendendo em fôrma audaz
 O debil ser, a fragil creatura,
 Que ora subjugada ante a noite escura
 Do vosso infame e vil, e vil narcotico,
 Obedece depois ao espasmodico
 Furôr de saciar as intenções
 Com que se roubam fracos corações.
 Não é isto ?

Fernando

(Perturbado)

Mas...

Margarida

(Levantando-se)

Mas... senhor Fernando:

Queira explicar-me agora quando, quando
 Foi por si concebida a qualidade
 Virtuosa, por entre a sociedade ?!

Fernando

(Succumbido)

Actualmente á face da razão...
 Que decerto ditou a reacção
 Do mal, d'esse mal que m'inclue nos réus
 Do mundo !

(Pausa e estendendo a mão a Margarida)

Margarida... adeus !...

Margarida

(Apertando a mão de Fernando)

Adeus !...

(Fernando sae)

SCENA FINAL

Margarida

(Só, depois d'um momento de silencio e de olhar toda a sala)

E nada, nada mais d'esse passado
Que abomino !

(Levantando os olhos para o ceu)

Deus ! Meu Deus !

Obrigado !

CAHE O PANNO

bibRIA

Fim da peça



18873

Reg. 8737

Q. 2 de 869.2 - 1 Couceiro



008737

Architectando e escrevendo a obra presente, ser-me-hia facil prefacia-la com algumas palavras de critico, mas em obediencia á satisfação de um pedido que muitas vezes se molda na generosidade para a disposição da leitura, do que pelo valor que ella possa representar, quando por demais sahida de modestissimos recursos.

A *Nuvem* inspirada apenas no conceito da moral e traduzida no preceito da naturalidade, não procurou senão entreter as horas vagas do auctor, e só como preito de muita gratidão a quem de surpresa ousou decerto lisongear-me, transcrevo para aqui a apreciação que se segue, aproveitando-a tambem como *argumento* da peça, que, repito, se não tem a valorisa-la dotes alguns litterarios, não posso negar-lhe o incontestavel merecimento de suavisar-me o tempo que poderia transpôr de ociosidade.



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

**FUNDO
LOCAL**

.....

A *Nuvem*, que assim se domina a pequena e fina peça dramatica de Luiz Couceiro, — apparece-nos

diaphana, limpida, n'um *menage*, onde principia a avolumar e a enegrecer. Passa depois, ao desordenado aposento d'uma concubina que concorre, indirectamente, para a infelicidade d'aquelle casal, e ahi augmenta de volume e mau aspecto. Volta a pairar sobre o tecto que acoberta a licita união, onde toma, então, proporções assustadoras e se tingê de medonha côr plumbea, desencadeando forte tempestade, apóz a qual, vem a bonança, voltando a paz e o amor ao *menage*, e tornando a nuvem á sua linda côr de açucena, symbolo da virtude, diluindo-se a pouco e pouco, n'uma suavidade que encanta !...

Este, o sentido do titulo; a seguir o entrecho :

Henrique, casado com Arminda, mas ausente, ha um anno, de sua casa, mantêm amôres illicitos com Margarida, de quem tem uma filha de seis mezes. Resolvendo abandonar para sempre a amante e voltar a viver só para sua esposa, deixa uma carta em casa d'aquella, explicando-lhe o facto, e fazendo-a acompanhar d'uma carteira com dinheiro para a creação do innocente. Margarida que se exaspera ao ter conhecimento da resolução formal do amante, concebe logo um plano de vingança, que apóz executa: manda entregar sua filha a Arminda, an-

nunciando-lhe que ella o é tambem de Henrique. A esposa d'este, apezar de maguada, recebe a creança, a quem logo resolve adoptar. Henrique volta ao *menage*, e apresenta-se, constricto, a Arminda, que o increpa por elle ter trocado, durante tantos mezes, o lar conjugal pela alcôva d'uma amante. A creança accorda e chora; Henrique interroga a esposa sobre a existencia, alli, d'aquelle innocente, e ella diz-lhe que é o fructo d'um crime. Henrique, estupefacto, suppondo que sua esposa se entregára, na sua ausencia, ao adultério, accusa-a asperamente e vae buscar a amante, a quem apresenta Arminda como uma adultera. Esta, offendida com as censuras do marido em presença da rival, replica-lhe altivamente, expondo-os pelo seu condemnavel proceder, vindo ainda perturbar o socego do lar domestico, onde ella acalenta uma creança, producto de um crime, o d'elles. Margarida que já reconhecera estar em presença d'uma mulher honesta, e percebendo que a creança a que se allude é o fructo do seu desvario, confessa a sua vergonha e manifesta arrependimento sobre a sua vida desregrada, pedindo, ao fim, perdão a Arminda, assim como Henrique o pede, ao saber que a creança é sua e para alli fôra enviada, em re-

presalia, por Margarida. Arminda perdôa a ambos o passado, com o que, volta ao lar a paz e o amor. Margarida que já tinha convidado um primitivo amante a ir tomar o lugar vago por Henrique, despede-o, apenas elle chega a sua casa, n'um rasgo de altiva honestidade, renegando, para sempre, o seu viver depravado e criminoso.

A Nuvem é uma peça fina, muito bem escripta, e sem *ficelles theatraes*. A these é vulgar; mas o entredo, simplissimo, é de uma bella estrutura, desenvolvendo-se ora energica, ora suavemente, pelos pequenos quatro actos, e terminando com um esplendido desfecho, repleto de moral.

Como obra litteraria, ella é, aqui, no nosso pequeno meio, de notavel valor, e bem digna de ser exhibida nos superiores palcos de declamação da capital.

Esta é a nossa opinião, meramente pessoal, sem o mais leve assomo de pretensão, ou logar á critica, e simplesmente em resposta á interrogação que nos fizeram sobre esse ultimo trabalho, em verso, de Luiz Couceiro, a quem, e por esse motivo, n'este momento cordealmente felicitamos.

ADRIANO COSTA.